

CAMPO CIDADE

A capital portuguesa foi integrando, ao longo dos anos, os campos que a rodeavam. Eis alguns dos que mantiveram a denominação, sinónimo de terreno, com ou sem sementeira. TEXTOS DE ANABELA NATÁRIO INFOGRAFIA DE ANA SERRA

Os campos de Lisboa

CAMPOLIDE

Terra de bom vinho — D. Afonso II já possuía aqui duas vinhas —, os seus domínios iam, na Idade Média, desde a atual freguesia de Campolide (criada em 1959, por desmembramento da junta de São Sebastião da Pedreira) até Santos, passando por Campo de Ourique, Estrela, São Bento e Lapa. Com vestígios de ocupação humana desde a pré-história, este antigo campo agrícola começou a ser mais procurado para habitação quando se deu início à construção do Aqueduto das Águas Livres, no século XVIII, no reinado de D. João V. Quanto à razão do nome, esta é desconhecida. Sabe-se, porém, que no tempo da tomada de Lisboa, no século XII, o cruzado Osberno já lhe chamava, conforme o que lhe soava ao ouvido, Campolet.

MONSANTO

CAMPO DE OURIQUE

Deste campo partia o trigo para as padarias de Lisboa. Fazia parte da povoação de Campolide. Era um vasto planalto, uma seara imensa, muito antes de se pensar em construir até à zona da Rua Maria Pia, as antigas terras do Sabido. Daqui, partiram também os primeiros revolucionários republicanos que tomaram os quartéis na noite de 4 de outubro de 1910. A urbanização do bairro só começou a ser delineada em 1886, mas no século XVIII já existiam prédios ao longo da Rua de Campo de Ourique, denominada Rua dos Pousos, por ficar perto de uma quinta com esse nome. Nessa altura, era um sítio fora da cidade, de bons ares, um pouco mais repartido em quintas, um lugar ideal para o repouso e convalescença. Hoje, é um bairro dentro da capital e faz parte do património da língua portuguesa, por integrar a velha expressão “resvês Campo de Ourique”, cuja origem é turva como a do nome do bairro (Ourique, por fazer lembrar o campo, no Alentejo, onde Afonso Henriques venceu os muçulmanos e autoproclamou-se rei?). Há quem diga que a expressão se deve ao facto de o terramoto de 1755 ter destruído tudo até ali, daí se tornar sinónimo de “à justa”, “por pouco”, mas outros defendem que surgiu por se tratar de um planalto e servir de comparação com algo plano ou raso.

ALCÂNTARA



500 KM

CAMPO GRANDE

Este lugar, hoje citadino, integrava-se nos campos de Alvalade (palavra de origem árabe que significa campos protegidos), que iam do Arco do Cego às Linhas de Torres. No século XIV, atravessou-o a rainha D. Isabel, para impedir uma batalha entre o seu marido, o rei D. Dinis, e o seu filho, o futuro Afonso IV. E aqui D. Sebastião passou revista às tropas antes de partir rumo a Alcácer Quibir para jamais voltar. No século XVI, encheu-se este sítio com fábricas de diversos produtos, da cerveja à seda, e deu-se-lhe grande importância ao escolhê-lo para a receção à rainha Catarina, que enviuvava do rei de Inglaterra e regressava ao seu reino natal. No século XVIII, depois de o terramoto transformar quase tudo em ruínas, começou a ser implantado o projeto de passeio público, levando ricos e nobres a construírem solares nestes arrabaldes da cidade e comerciantes a criarem lugares de diversão. Em 1935, passou a denominar-se Campo 28 de Maio, para lembrar esse dia de 1926 em que a revolução militar implantou a ditadura. Quase 40 anos depois, outra revolução deitou abaixo o regime e devolveu-lhe o topónimo.

CAMPO PEQUENO

O cavaleiro crava o ferro no touro, mas este investe contra o cavalo. Fernando de Oliveira não consegue dominar o susto do “Azeitona” e é lançado por cima da cabeça do animal. Ouvem-se gritos na praça, apela-se aos capotes. O homem está debaixo do cavalo, e o “Ferrador” não desiste de investir. O “Azeitona” debanda, corre desorientado pelo recinto. Fernando fica à mercê do “Ferrador”, que nenhum dos toureiros presentes consegue afugentar. E, quando conseguem, o cavaleiro já não dá acordo, tinha a base do crânio fraturada. Foi no dia 16 de maio de 1904, a morte do cavaleiro Fernando de Oliveira, a mais marcante desta arena. A história da praça de touros inaugurada em 1892, para substituir a do Campo dos Mártires da Pátria, desmantelada uns anos antes, não se pode desassociar da do largo, que sempre foi um espaço público integrado nos campos de Alvalade. Durante anos, chamou-se Alvalade Pequeno a este terreiro fora da cidade, onde se faziam exercícios militares e feiras.

CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA

O espetáculo começou ao meio-dia. Milhares de pessoas concentraram-se no campo que se chamava de Santana, desde 1755, oficialmente, já que na boca do povo era ainda o Campo do Curral, porque aqui se vendia gado, havendo até um matadouro que criava imensos problemas sanitários na zona. No dia 18 de outubro de 1817, a atração era outra e durou até às nove horas da noite. Durante todo esse tempo, ninguém arredou pé até ver o último dos 11 condenados à morte ficar pendurado na forca. Só não puderam assistir ao enforcamento do suposto cabecilha, o general Gomes Freire, que foi sacrificado nessa manhã, mas noutro campo, fora de Lisboa, no de Alqueidão, junto a São Julião da Barra. Tratava-se do grupo que foi acusado de conspiração a favor de um governo constitucional contra a regência inglesa que governava em nome do rei D. João VI, no Brasil desde que as tropas de Napoleão tinham invadido o reino. E por esta razão, em 1879, este campo mudou de nome para Mártires da Pátria.

CAMPO DE SANTA CLARA

Este é o seu nome desde 1294. Nessa altura, pouco havia por aqui, a não ser campo e o convento de freiras da Ordem de Santa Clara construído dois anos antes. Mais tarde, no século XVI, a filha do rei D. Manuel I, a infanta D. Maria, mandou ali construir umas casas para pernoitar quando visitava as irmãs clarissas, e assim terá despertado o interesse pela edificação na zona. O convento foi destruído pelo terramoto de 1755 e extinto em 1828, mas o topónimo prevaleceu. Melhor assim do que ficar conhecido por Campo da Forca, como durante alguns séculos (pelo menos até à centúria de Quinhentos) foi denominado por ser palco de condenações à morte. Este campo é ainda conhecido por albergar desde 1882, às terças e sábados, a Feira da Ladra. Entrando um pouco mais no passado, neste lugar hoje pertencente à freguesia de São Vicente de Fora assentou arraiais um dos grupos de cristãos que ajudaram D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa em 1147.

CAMPO DAS CEBOLAS

No dia 18 de junho, este espaço da cidade muito perto do Tejo ganhou mais uma atração. Para assinalar a passagem de um ano sobre a morte de Saramago e cumprir um desejo do escritor, foram aqui depositadas as suas cinzas, junto a uma oliveira trazida de Azinhaga do Ribatejo, terra natal do Prémio Nobel. Permanecerá, assim, próximo da fundação com o seu nome, instalada na Casa dos Bicos, outra referência desta praça. O original edifício, que serviu, entre muitas outras funções, de sede à Associação do Comércio Marítimo da Índia, foi mandado construir em 1523, a cem metros do rio, por Brás de Albuquerque, filho de Afonso de Albuquerque, aquando do seu inspirado regresso de uma viagem a Itália. E Campo das Cebolas porquê? Antes do terramoto de 1755, chamava-se Praça da Ribeira Velha, mas depois tomou o nome do produto que aqui era descarregado e armazenado em grande quantidade.